

LS-AC...
A...A

CEDI - P. I. B.
DATA 29, 04, 93
COD. 63700033

O MOVIMENTO DOS ÍNDIOS.

(Álvaro Fernandes Sampaio)

São Paulo, dia 30 de maio de 1984.

UNIÃO DAS NAÇÕES INDÍGENAS = UNI.

Aos companheiros do GTME e CEDI, os meus abraços.

Antes de muita coisa quero ser muito franco: que me sinto feliz com a luta de nações indígenas, na cidade tenho conversado com vários companheiros pobres, geralmente, com os trabalhadores, com os missionários e leigos de bases.

Muito bem, antes de começar no assunto, estou percebendo que muitos companheiros do CEDI e do GTME ainda viram o BE TINHO que parece igualzinho pai. Parabéns ao Beto e Fany. O que eu gostaria perguntar ao Beto é: Como se trabalha para ter um fi lho assim do tipo XEROX? Ôh! Cabra macho!..

A -) O TRABALHO DO DOÉTHIRO NO CAMPO.

1-) Broncas na região norte - em Manaus - Am.

De Manaus tenho dado informações a vocês como era pesada a minha barra e, conseqüentemente, custou até sangue e era o jeito, pois não dava mais para ser paciente. Em meio essas broncas, pressionados pelos índios, os missionários já falam de questões indígenas. Isso no Rio Negro. Houve vários casamentos entre os jovens, porque esse foi o caminho que encontramos para sermos destribalizados, porque quando o índio não tem mulher se manda ao lugar desconhecido e bem distante, enquanto isso os pais sofrem de saudade. Por outro lado, por motivos pessoais e por ser envolvido no movimento entre os companheiros sou mais visado pelos inimigos, porque muitos pensam que sou muito perigoso e que faço cabeça de muita gente para estragar o "trabalho" entre os índios. O trabalho de caráter político é muito perigoso. Digo isso porque o vejo na minha carne e me entristeço quando certos amigos se equivocam com os assuntos. Mas, eu comprovo e aposto o meu trabalho assim:

A -) Padre Norberto Hohöncherer - austríaco,

- B -) Padre José Dala Valle - italiano,
- C--) Padre Luciano Chiappini - italiano
- D -) Dr Kid Mendes de Oliveira - ex-juiz eleitoral, em São Gabri
el da Cachoeira - Am,
- E -) Dr Dagoberto Pinder de Albuquerque - ex-prefeito SGC,
- F -) Dr Kazuto Kawamoto - ex-delegado de FUNAI, em Manaus,
- G -) Dr Roberto Alexandre - advogado da FUNAI, em Manaus e ou-
tros companheiros indígenas são pessoas que devo tentar de compre-
ender ou ter muita cautela para não entrar numa fria. Vejamos o
por quê.

Os ABC já não tiveram peito de estar levando a pressão de companheiros indígenas. Já foram embora para suas terras. Os DF me parecem mais perigosos por não serem, primeiro, como missionários. O Dagoberto foi candidato por duas vezes à Deputado Estadual pelo PDS, em São Gabriel. Por motivos de desentendimento, quer dizer, eu mais outros que sabíamos das coisas só fizemos dividir os ' votos com PMDB. Isso previu que tínhamos condições de boicotar em outros assuntos. Por outra parte, antes das eleições houve um crime em São Gabriel. Um companheiro nosso que trabalhava no hos-
pital deixou morrer uma jovem índia da tribo Baré. Posteriormente isso foi descoberto. O criminoso (branco) de Caicó - RN, de nome Roberto que era militar foi preso no Quartel. Nesse jogo, por des-
cuido pessoal, entrou na bronca um índio Tukano e foi preso. Não houve o julgamento, mas, o que não se pode duvidar que houve muita esperteza por parte dos brancos, infelizmente o Roberto fugiu da cadeia do Quartel. Segundo os comentários, os dois ficariam conde-
nados trinta anos. Os brancos fizeram o bom serviço. Um trabalho, talvez seja já pelo costume de resolver as coisas, que exigiu o transporte de São Gabriel até a Santarém, no rio Amazonas. Troca-
ram de nome em todos os documentos. Depois o criminoso veio para Belo Horizonte e está vivendo bem. Nesse caso só ficou o índio na cadeia. Não podia ser assim no nosso entender. Assim, o índio de

nome Fernando depois de um mês de cadeia ficou como detido. Andava por aí nas ruas de São Gabriel e não podia ir para outros lugares. Este tinha uma irmã que trabalhava com um oficial da FAB, bem de alta escalão de Manaus. Era coronel e que frequentemente fazia vôos pelo Rio Negro. Certo dia passa o coronel em São Gabriel e eu fiquei sabendo e logo me dirigi ao Fernando, que ele também devia se mandar para Manaus. Não teve tempo para nós. Ele veio de noite até no colégio dos padres, bem na casa do Bispo Dom Miguel Alagna, e conversou com coronel. Nesse tempo (1978) viriam militares importantes do 1º Batalhão de Engenharia de Construção - 1º BEC, para Manaus e seguiriam para outros lugares de sua origem. Estes eram: Dr. Pinheiro , Cap Médico e Diretor do Hospital Mista de SGC, com destino Aracaju; e outro foi o sub Comandante do Batalhão, um major que ora me foge o nome com destino a Uruguiana - RS. Nos momentos de embarque no avião, diante de todos os oficiais do BEC que se despediam, o primeiro a embarcar foi o Fernando. Veio para Manaus e de lá veio para Porto Velho. Hoje este trabalha no Departamento de Administração Pública de Rondônia.

Bem, depois de seis anos, juntamente com alguns índios comprometidos ou seja, manobrados pelo PDS, corre entre a cúpula dos militantes o seguinte: Que foi o Álvaro que escondeu o Fernando, assim deve ser preso. Mas, não é assim não. A coisa não parte por aí. O que tenho dito aos meus companheiros indígenas foi dos abusos que esses doutores fizeram em nosso município, isto é, todos os brancos autoridades que passaram por lá só se enriqueceram. O povo ficou numa dependência acentuada. Isso que é verdade.

Os FG são outros desgraçados, infelizmente. São pessoas que sem FUNAI não teriam outro melhor emprego. São pessoas que sempre foram ligados e passando as informações para Polícia Federal sobre os fatos que aconteciam no Rio Negro. Por ex. Cocaína....

Em tempos de eleição foram os que convenceram alguns índios a votar para PDS, e assim nos dividiram. Foram os que sempre tiveram o sonho de uma vitória para o PDS no Rio Negro. Para o meu lado as coisas engrossaram depois que tive conversas sérias com esses dois. Em troca eles boicotam nos interesses dos índios do Rio Negro. Assim, as coisas de lá estão pesadas, não somente para mim, mas isso pode me significar em outros sentidos: Morte ou senão sou obrigado a me defender. Seria uma destruição de todo o meu trabalho. Por exemplo, um dos meus companheiros foi esfaqueado no mês passado em São Gabriel. Era um dos componentes do nosso, muito novo, porém, consciente nos assuntos políticos. O nome dele era Simplício Neves Brandão. Assim, essa morte não somente levaria a uma complicação a mim, mas a outros também. Dias atrás recebi uma carta um pouco perturbadora que explicava o andamento das coisas. Ainda hoje (28/05/84) recebo mais outra. Esta me recomenda "passar um tempo" por esses lugares, porque a barra pesa no Rio Negro. Enfim, eu lhes pergunto: Se vocês estivessem em meu lugar o que fariam?

Dia 24 de maio de 1984.

OUTRO DELEGADO NA FUNAI, em Manaus. É o ALDO COSTA; sem dúvida, um homem bem doutrinado por ex-governador José Lindoso, hoje, senador pelo PDS - Am. Eu conheço esse sujeito, porque vem de toda essa turma que mencionei acima e vai aprontar algumas coisas.

B -) IIIº Encontro Nacional dos Povos Indígenas - UNI.

De manhã, quando eu vinha voltando de um encontro dos líderes das Organizações Indígenas da Bacia Amazônica, o avião da VARIG DC-10 estava a 12 mil metros de altura. O sol era lindo e a minha preocupação era me deixava tenso. Eu estava voltando de Lima - Peru, e cheguei no Rio às 7:00hs. Às 8:30 min entrei em contato com CIMI Nacional e o Bené me disse que estava correndo bem.

Já tivemos várias reuniões em diferentes lugares, portanto, nessa reunião não poderia diminuir a força da UNI. A reunião foi no Clube dos Escoteiros, em Brasília. Vou lhes contar como foi a armação dos índios.

Quando eu cheguei encontrei o Juruna meio afobado, mas a conversa fluiu bem e não houve troca de palavras. Passam~~os~~ alguns companheiros que chegaram antes da gente. Eram os índios Guajajaras. Eram muitos e que tinha vindo com um combe, e estavam bem organizados e arrumavam algumas barracas. Comigo estava o Ailton Krenak e junta~~men~~te com mais outros companheiros desempenhou um duro trabalho de levantar as barracas. Era o 1º de abril e já com muita gente. À tarde chegaram mais gente, isto é, bem dobro e nos deixaram preocupados. A comida, o alojamento, a recepção cada vez foi ficando duro em cima de pouca. Por volta de 5:00 hs chega o Dep Mário Juruna, todo sorridente e todo engraçado e simpático como todo Xavante quanto não está bravo. Os Guajajara o homenagearam com boas apresentações, alguns mataram a sede de sua curiosidade e todo mundo queria foto. Eo Juruna só ficava numa boa, sorrindo e conversando. Para completar vieram três índios de fora e mais tarde chegou de Paraguai, era um Gearani. Veio a imprensa e se fêz as primeiras entrevistas. Depois de toda animação estoura o primeiro lá no canto. Não sei como foi o começo. Bem, o Juruna chamou o CTI, CIMI, ANAI e ficou muito confuso. Uma menina que estava muito nervosa ficou chorando, e houve troca olhares entre os índios e os membros de Entidades. O ventou soprou forte, mas passou rápido.

Afora o comentário era outro: que os índios invadiriam as sede da FUNAI e Ministério do Interior. Lá se foram os milicos com os caães e índios chegando cada vez mais, também todos afobados com o Projeto de Lei que circulava no Congresso. Eu coordenei o movimento e foi muito, porque houve muita união entre os dirigentes, as discórdias ficaram para trás. Vimos os filmes da UNI, um de Xingu que a muitos pareceu um jogo da FUNAI, isso direi, porque isso aconteceu assim.

O tempo era ruim; chovia bastante, os índios ficaram nas

O movimento cresceu em vista e com pronunciamentos duros de líderes indígenas, foi até preciso gastar a voz, o suor e todos concentrados nos assuntos que a FUNAI nos apresentava. Durante o almoço, no penúltimo dia, eu contei 500 índios, porque muitos de Brasília não fizeram sua ficha de inscrição. Vieram de 82 tribos. Eram velhos, novos, homens caciques. Uns eram engraçados, isto é, duros e pregavam a união entre todas tribos. Uns achavam que o Juruna teria que mais apoio dentro da Câmara, portanto, mais deputados índios para fortalecer as bases. Foi assim que o encontro correu.

Todos os encontros se desenvolveram no salão do Congresso, porque não tínhamos outro lugar que coubesse tantos índios. Foi lá que ficamos conhecendo muitos deputados que estavam a favor da gente. Infelizmente, não vimos nenhum do PDS e tão pouco do PTB. Restante (Os membros da Comissão do Índio), todos falaram. No penúltimo dia um deputado Malufista havia expulsado os índios da sala de reunião. Essa foi a provocação do deputado, e todos os deputados que pronunciaram não disseram boas coisas, porque todos falaram do governo e analisaram abertamente como era sujo o espírito da FUNAI. O dia terminou bem, isto é, foi o mais caloroso. De noite e de manhã foram bem agitados.

Quando se encerrou a reunião foi bem, porque conseguimos reunir um grupo de 46 conselheiros que ficariam nas bases. A causa que fortificou mais a união foi o caso do Xingu. Estiveram conosco três índios do Kinguamos e fizeram um bom depoimento. E não foi só isso, porque um grupo de 15 Xavante liderados por Aniceto foram até à FUNAI e causaram uma impressão tensa para os militares. Eu não pude ver como foram os casos, mas conversei com quase todos:

8 - 1 -) OS XAVANTES ENFRENTAM OS MILITARES QUE GUARDAM OS PRÉDIOS DA FUNAI E MINISTÉRIO DO INTERIOR.

O Aniceto me disse que ficou muito bravo quando soube que o prédio estava guarnecida até com cachorros. Ele e mais outro decidiram interrogar ao presidente da FUNAI porque tinha feito aquilo. Os companheiros deles também não quiseram ficar atrás de outros assuntos, como por exemplo, ouvir os discursos dos líderes na Câmara. Todos seguiram em direção ao prédio da FUNAI. Foram de ônibus. Eram uns quinze Xavante. Quando os militares viram que os Xavantes estavam descendo da viatura, segundo o Simão, o irmão de Juruna, todos ficaram com medo e uns murmuravam ou que olhavam entre si de banda. O Aniceto foi na frente com uma borduna de um metro e meio e se encontrou com Tenente que comandava a tropa. A polícia cercou bem a entrada e um pouco a vinte metros estava outros dois camborões carregados de polícia. Aniceto disse quando o Tenente barrou na entrada: - Dá licença. Vou falar com presidente da FUNAI...

Enquanto isso todos Xavantes queriam entrar e que foram impedidos. E, como sempre, outros doze se espalharam entre os soldados e logo, então, era se formou uma fila de Xavante e PM, bem colorido. Alguns Xavantes portavam suas bordunas e flechas e a PM de cacete e escudo. Só Aniceto conseguiu entrar com seus três companheiros e chegou lá no segundo andar. Entrando na sala encontrou o Otávio Ferreira Lima, sentado. Ele ficou com medo quando viu o Aniceto, mas se conteve e se apresentava aparentemente calmo. Ao dar o puxão de orelha no presidente disse o Aniceto:

- Cria vergonha seu moleque! Estou muito envergonhado com seu comportamento. Aqui é a casa do índio e não um quantel para abrigar os militares. Para que você deixou esses militares e cachorros ao redor da FUNAI?..

Disso, quer dizer, do compartimento do presidente e do Sr ministro do Interior criou-se uma imagem mais negativa da "Tutela", porque todos os índios viram quem eram os militares e maus funcionários da FUNAI. Era, por isso, um momento de tensão. Muitos dos líderes que sempre foram ^{crucios} em relação aos trabalhos da FUNAI, sem dúvida, fotografados ou pelo menos observados por agentes é que não se pode duvidar.

Bem, outros Xavantes que ficaram em baixo ficaram gozando a palácia, se enconstando no ombro, empurando e, segundo eles que foi um encontro muito interessante, porque todos Xavantes gostaram:

Um cacique de pequena estatura, de nome João portava uma borduna maior que ele e que disse a plízia:

- O que é que você está fazendo aqui? Você é índio? Para que é esse cachorro? Você não quer me dar esse cachorro para caçar anta?

O pobre do soldado da PM começou ficar preocupado e não ria, e logo, o João continuou:

- Você é bravo não?.. Você é a onça?... Você é homem ou não?.. Bora ver quem é mais bravo então. - Dito isso encarou bem na face da PM, bem sério e foi se escorando no ombro. Aí o soldado sorriu e o Xavante disse:

- Então, você não é onça e nem homem. Eu sim, sou gurreiro e olha o tamanho de minha borduna.

Bem, enquanto isso a reunião prosseguia na casa dos missionários Jesuítas, porque era no dia do encerramento. À noite, na hora e antes de partirem para suas casas os índios cantavam de alegria, riam e todos comentavam que foi o melhor encontro.

O encontro foi bom, mas a FUNAI, para muitos que desconhecem, não é a mesma. Por outro lado, para quem sofre na carne e se preocupa por uma luta de líderes indígenas é que o caso merece mais atenção.

C -) A FUNAI E SEUS DIRENTES NOS DIAS DE HOJE.

Quero difamar entre nós ou seja, quero ver se vocês conhecem essas coisas que passam na FUNAI. Não é mesmo na FUNAI, mas nos homens e outros que sempre se demonstram ser nossos amigos "por de baixo do pano".

1 -) Mário Juruna. Sempre aprendi muita coisa com Juruna, principalmente, quando começou tecer críticas às atividades da FUNAI. Tenho acompanhado o Juruna através das reportagens, quando na peregrinação nos comícios pelas DIRETAS JÁ. Em todos os discursos o Juruna nunca elogiou a FUNAI; sempre foi duro e a muitos índios parecia como curiosidade e era mesmo. Álvaro, (eu) estou desconfiado. Me parece que acabou o vento nos ates, porque sei q/ o Juruna esteve presente na posse do novo Delega - Aldo Costa, em Manaus, em 24 do corrente. Ainda, no Xingu, na tomada da posse do Megaron. Eu sei que no Xingu era necessário, mas não em Manaus. O que será que está acontecendo? Será que depois de muito de briga podemos sorrir com inimigo só porque paramos de brigar um dia?

2 -) Odenir Pinto de Oliveira - Depois que foi demitido da FUNAI esse indivíduo conheceu muita gente. Eu tive apenas duas ocasiões de conversar e nesse tempo o Juruna era candidato (Deputado) pelo PDT - RJ. O senhor Odenir me disse que gostaria de trabalhar junto com Deputado Mário Juruna, pois que daria uma boa acessoria. Teve uma participação ativa no caso dos Pataxó juntamente com seu colega Carvalho ou seja, verificou-se por mais uma vez o papel de indigenista que era: enfrentar as pistolas dos fazendeiros e entrar escondidos ou não na área dos Pataxó. Segundo se percebe, esse ato de bravura criou mais tensão entre os índios, porque os índios se afobavam cada vez mais e, enfim, morre o nosso companheiro Edísio. O Sr. Odenir e mais outro da Funai sabem disso. Os índios Pataxó - Nailton, Higino e Samado) foram presos e algemados como bichos pela PF e PM. Depois de dramas terríveis, graças ao esforço e de condicionamento de alguns índios para fortalecer sua luta, e os deputados de oposição e mais Juruna, então, criou-se a Comissão do Índio, no Congresso Nacional. Do Gabinete de Juruna, o Odenir só fez para a sala da dita Comissão.

Do gabinete de Juruna, eu percebi que alguma coisa estava mudando; começando pela conversa. Quer dizer, não era mais aquele tom, mas fria e desconfiada ou que me parecia voz de uma autoridade.

Numa ocasião que fiz uma viagem rápida a Brasília, quando o CIMI Nacional promoveu uma reunião com a Pastoral Indígena na América Latina, quando regresssei fiz carta circular para demonstrar aos companheiros que estava incompleto ou seja, que a meu ver, o Sr Odenir não estava conseguindo repassar ou passar as informações para lideranças indígenas. Logo me pareceu como nebulosa acessoria, porque era mesmo. E, somente depois que recebemos alguns xerox, todas me pareceram como coisas para consolar.

Conheço muito pouco sobre o trabalho que Sr. Odenir fez no gabinete de Juruna e na Comissão do Índio. Terminando, sou muito desconfiado com esse tipo de trabalho, isto é, não posso ^{ter} sossego. O que fazer agora, quando então esse está na FUNAI? Será que, nós, as lideranças podemos acreditar no trabalho de indigenista como esse? É assim: eu acho que existe um joguinho, porque, se antes se já não nos dava informação, como um indivíduo desse pode nos ajudar? Estou dizendo isso, porque numa ocasião em que conversei com Cel Zangoni, em Brasília, este reclamava assim:

- Não, Álvaro a FUNAI não tem... Sabe que tem muito dinheiro? É uma dessas entidades que ficam descaracterizando a imagem da FUNAI.

Depois muito com minhas interrogações, não sei se foi de propósito, o Cel me disse que entidades estavam explorando os índios. Essa observação me deixou tenso e discutimos por mais de três horas. No fim ele me disse que uma dessas entidades tinha até 500 funcionários. Essa informação teria partido do Juruna e do Odenir, foi o que desgostou muito. Também disse que conhecia a minha vida e por onde eu costumava andar, assim, com modo mais sem vergonha, me inter-roga outras coisas.

3 -) Justino Mariano Marcos - Terena. Conheci em abril de 1981, em Brasília, bem na casa Memélia Moreira. Eu conheço esse indivíduo. O Marcos jamais segurou uma briga entre outros companheiros dele. Por exemplo, depois do encontro de São Paulo, outra bronca veio em Aquidauana. O Marcos fugiu da briga e quem defendeu a nova diretoria da UNI foi o Hibes com uma briga que ^{durou} nove horas. Assim, devido essas falhas e de falta de compreensão do Marcos e Domingos a UNI ficou mal visto por alguns membros das entidades. No Primerio Encontro de Índios, em Brasília, por mais uma vez o Marcos fêz sua aliança com Cel Paulo Moreira Leal (presidente da FUNAI). Outras vezes causou e fomentou a divisão entre os índios Pataxó (Ba), Kadiwéu (MS), Jaminawa (AC), porque sempre ficou ao lado da FUNAI. Na conversa é outra coisa, isto é, não dá mais para aguentar esse tipo de exploração ou manipulação em cima das populações ou seja, tirar proveito próprios. Essa amizade na FUNAI começou no tempo do Cel Nobre da Veiga, porque quando o Marcos fêz críticas à FUNAI o Zanoni definiu-o como ingrato. Me disse que, o Marcos conseguiu o seu brevê de piloto graças ao Nobre e que tinha um avião à disposição, e que por isso, teria feito um vôo noturno entre Fortaleza a Brasília, e que mais tarde, com as experiências adquiridas na FUNAI e advertiu - se for obediente, que tomaria um cargo importante ou que poderia ingressar na Escola Superior Técnica de Pilotos da Aeronáutica e seria piloto de grandes jatos. Zanoni me disse no fim: É assim que funcionam as coisas.

4 -) Dr Kazuto Kawamoto - ex-delegado da FUNAI em Manaus, hoje assessor (do presidente) em Brasília. Esse é um sujo, porque no tempo em morreram três índios Sateré "oficialmente" ele nunca reconhecia. Uma vez, com avião do Instituto Lingüístico de Verão que era do Pastor que mora nos Sateré, o Kazuto só fêz fretar e chegando na área só fêz dividir os líderes criando uma "comissão de líderes", e também levou até a PF. Tanto para Rio Negro e Solimões mandou PF pagando diárias e conseguindo motôres para combater o tráfico de cocaína. O desejo do Kazuto sempre foi um dia chegar no cargo mais alto. Acho que temos muito trabalho pela frente.

Eu conheci outros delegados como os de Porto Velho (Apoena Meireles), de Vilhena, de Boa Vista, de Recife e não me bem, porque todos são muitos espertos. Desse jeito, para onde o índio vai?

Quem me conheceu sei não estranha a minha linguagem, agora, podem se confundir. Assim, quando menciono o nome de nossos companheiros não é porque estou com raiva, mas sim, as coisas estão desse jeito.

D -) COMO SE ORGANIZAM OS ÍNDIOS DE PERU, EQUADOR, BOLIVIA, COLOMBIA E VENEZUELA?

No subúrbio de Lima - Peru, em Huampani, entre 26 a 31/03/84 reuniram-se os líderes indígenas das Organizações Aborígenas da Bacia Amazônica. A Dra Eunice Paiva, advogada pela Comissão Pró-Índio de São, também esteve presente. Foi encontro importante, porque se tratou dos Direitos Humanos dos Índios da Amazônia.

Os assuntos que tratamos foram basicamente sobre as questões indígenas em geral, e se refletiu, para ver, como seria a melhor maneira para fortalecer as organizações indígenas da Amazônia e que elas mesmas tivessem um trabalho coordenado. Foi uma reunião fechada quando se tratou de assuntos indígenas, isto é, os antropólogos e outros brancos não puderam assistir do assunto que era: Reunião Indígena.

As organizações indígenas eram representadas assim:

1-^o AIDSESP - Asociación Interétnica de Desarrollo de la Selva Peruana, coordenada por Evaristo Nugkuag (índio Hauaruna) e Augusto Francis Lores (índio Amuesha) e mais outros líderes de tribos. Essa organização é reconhecida juridicamente pelo Estado, portanto, me pareceu bem por ser bem forte, pois, congregava uns 200.000 índios. Esses 200.000 índios vivem na Amazônia e que têm problemas diferentes de outras federações indígenas daquele país. São diferentes, porque eles se sentem autônomos, isto é, não deixam que outros falem por eles. Foi bom eu observar isso, por isso, fiz algumas críticas às Entidades que tratam de questões indígenas. O tema de discussão se desenvolveu meio tenso, porque, segundo eles, o índio é sempre como objeto de investigação por antropólogos, e por isso, eles escolhiam os cientistas (antropólogos) que eles conheciam e assim fortaleceram suas comunidades de bases. Se discutiu também dos missionários, do Instituto L. Verão, que desconhecendo o sentimento dos índios cometem os crimes de genocídio e etnocídio. Portanto, que os missionários e antropólogos deveriam entrar nas áreas indígenas quando convidadas e não não como simples turistas para pesquisar. Diante disso os antropólogos do Peru e Equador não me parecem seguros quando querem fazer pesquisa nas terras indígenas.

O que eu notei, também outros companheiros que tomaram posição dura em relação aos antropólogos e missionários, foi que, as organizações indígenas da Amazônia precisam coordenar o trabalho. Essa reação foi muito bom, porque, por exemplo, AIDSESP trabalha junto com os advogados, médicos e outros com conhecimentos diversos para assessorar o movimento indígena.

Depois de longas horas de discussão se concluiu-se assim:

- 1-) É necessário que as Organizações da Amazônia busquem um trabalho conjugado para fortalecer como organizações autônomas. Para isso é necessário tratar somente dos assuntos da Amazônia ou seja, o índio tem que ter uma voz própria e não muitos intermediários.
- 2-) Para que isso seja concreto é necessário ter um espaço na ONU.
- 3-) É necessário que as organizações indígenas façam leis para que a ONU reconheça, e assim, posteriormente que possa garantir a sobrevivência física e territorial dos índies.

Outras organizações foram:

- 2 -) ONIC - Organización Nacional Indígena de Colombia, representada por Trino Morales e Orlando Soache.
- 3 -) CIDOB - Conferación Indígena del Oriente Boliviano, representado por Cecilio Gomez e José Unañavi Yaroqui, ambos Guarani.
- 4 -) CONFENIAE - Confederación de Nacionalidades Indígenas de la Amazonia Ecuatoriana, representada por Cristóbal Tapuy e outros dos Centros de Feração Shuar.
- 5 -) UNI- União das Nações Indígenas, representada por mim.

OBS: Ver os papéis em anexo.

Entre os dias 11 a 14/04/84, na cidade Quito, foi realizado o II Encontro Nacional de Coordenação das Nações Indígenas do Equador. Foi muito bom. Isso podemos ver também no jornal que coloco em anexo.

Bem, segundo Trino Morales a Colombia tem 1.500.000 de índios e Equador com 3.500.000 e Bolívia com uns 100.000. Isso me impressionou e, por isso, fiquei um mês no Equador para ver e conhecer as comunidades de base. Depois vim para Peru e não me foi possível ir nas bases, porque tínhamos que fazer outros trabalhos à nível internacional.

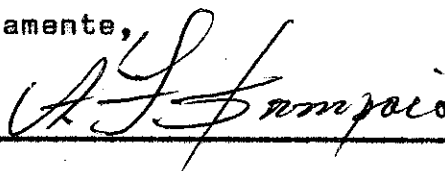
1 -) Entre 09 a 11/07/84, o CISA faria um encontro de conselho diretivo, em Bogotá. Mas, devido o estado de sítio, hoje, está muito confuso. Não sabemos onde será realizado o encontro, talvez no Brasil ou no Peru onde existem mais organizações indígenas. A UNI será convidada e será representada por três delegados ou membros indicados pelo conselho. O assunto a ser tratado será do problema interno.

2 -) Entre 07 a 11 de agosto a Coordenação de Organizações Indígenas da Amazônia terá o seu primeiro contato com a ONU, em Genebra. Assim, mais uma organização não governamental terá seu fórum na ONU. Essa coordenação será representada por delegados de cada país. Também estarão outros indígenas representando à nível nacional de cada país onde tem índios. Assim, no caso Brasil teremos uns 5 delegados.

3 -) Entre 20 a 30 de setembro, reunião do Conselho Mundial dos Povos Indígenas, em Panamá. Estarão três delegados por país.

Bem não tenho mais o que dizer-lhes.

Atenciosamente,



ÁLVARO FERNANDES SAMPAIO - TUKANO.

São Paulo, dia 30 de maio de 1984.

GC para U.N.I.